

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

IN MEMORIAM CRUZEIRO SEIXAS

3 de Dezembro de 2020

CRUZEIRO SEIXAS AS CARTAS DO REI ARTUR / 2016

um filme de CLÁUDIA RITA OLIVEIRA

Realização, Fotografia, Montagem: Cláudia Rita Oliveira *Som:* Isabel Dias Martins *Câmara adicional:* Edmundo Diaz *Pós-produção de Som:* Elsa Ferreira *Drone:* Pedro Sousa, SkyCam – Vila do Cone *Com:* Artur do Cruzeiro Seixas; André Albuquerque, Joana Manuel (*voz off*).

Produção: Jumpcut (Portugal, 2016) *Produtor:* Miguel Gonçalves Mendes *Direcção de Produção:* Ana Paula Gonçalves, Marialva Boneca, Vasco Esteves *Cópia:* DCP, cor e preto-e-branco, legendada em português, 85 minutos *Primeira exibição na Cinemateca:* 3 de Dezembro de 2016 (“Ante-estreias” / “Em Homenagem a Cruzeiro Seixas”).

Com a presença de Cláudia Rita Oliveira

“O Artur do Cruzeiro Seixas é como se tivesse um cérebro dividido, metade é todo luz, faz coisas muito belas, e a outra metade é uma confusão total.” É assim, pela voz de Mário Cesariny, com as palavras a surgirem em letra dactilográfica numa imagem a branco, que Cláudia Rita Oliveira abre o seu filme-retrato com Artur do Cruzeiro Seixas, surrealista português, nascido em 1920, sobrevivente da sua geração e do movimento que, em Portugal, o teve por protagonista dos “Surrealistas”, grupo dissidente do Grupo Surrealista de Lisboa, ao lado de Cesariny, António Maria Lisboa, Mário-Henrique Leiria, Carlos Calvet... AS CARTAS DO REI ARTUR é então um retrato que, como no caso de AUTOGRAFIA de Miguel Gonçalves Mendes com Mário Cesariny (2004), tem no seu centro o protagonista, a sua presença, a sua voz, o seu testemunho na primeira pessoa perto do fim da vida. No caso de Cruzeiro Seixas, ele havia de chegar neste bizarro 2020, à beira da celebração de um aniversário redondo de três algarismos.

Um retrato filmado mais *com* do que *sobre*, portanto. Mas com uma peculiaridade com comoção própria: nas CARTAS DO REI ARTUR, Cruzeiro Seixas traz para dentro do seu retrato a história da sua relação com Mário Cesariny, que aqui se torna uma espécie de protagonista ausente. “Permanentemente” evocado pelo próprio Cruzeiro Seixas, e pela própria construção do filme, Cesariny ocupa-o também, até na ausência, até como fantasma, um fantasma querido, o fantasma querido de Cruzeiro Seixas. Num dos passos filmados em Famalicão, onde na altura Cruzeiro Seixas habitava não sem desgosto, e de onde regressou a Lisboa passando a morar na Casa do Artista como no-lo informa o plano final, agora datado, o filme “de” Cesariny é mostrado a Cruzeiro Seixas numa sequência do “seu”. AUTOGRAFIA, do qual, aliás, parecem vir as ditas palavras iniciais de Cesariny, e do qual vêm outras tiradas, algumas imagens, parece ter dado azo a CARTAS DO REI ARTUR, que vai buscar o seu título a uma expressão de Cesariny e à afeição que Cruzeiro Seixas tem pelas cartas que este lhe foi escrevendo. Estão publicadas na Documenta, as *Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas* escritas entre 1941 e 1975. É numa delas que, elogiando-o POETA, assim mesmo em maiúsculas, Cesariny exclama “as carta do Rei Artur”.

A ligação entre os dois surrealistas tal como foi vivida por Cruzeiro Seixas é um dos eixos das CARTAS DO REI ARTUR. Não é original dizê-lo. Pelo contrário, assim mesmo se apresenta o filme – “Cruzeiro Seixas habita num labirinto onde todos os caminhos o levam a Mário Cesariny. Subjugado por esta obsessiva relação, Cruzeiro Seixas não viveu, mas deixou documentos desse não viver.” *Não vivi, mas deixarei documentos desse não viver*, ouve-se na primeira pessoa, antes de o filme aterrar em Famalicão, onde pela primeira vez vemos Cruzeiro Seixas. Também desses *documentos* nos fala o filme, apegado ao surrealista Cruzeiro Seixas – “95 anos de pintura e poesia à espera de um reconhecimento maior ao lado de outros autores surrealistas”, rezava ainda a sinopse. Seguindo o tom bastante íntimo, confessional mesmo, que o protagonista lhe imprime e os cadernos dele convocam – “cadernos, não diários” –, os seus estremecimentos e arrepios, AS CARTAS DO REI ARTUR permite-nos tomar contacto com o percurso, a raiz familiar e a paixão africana, o pensamento, o escrito a fósforos *A palavra amor é incendiária*, a obra de Cruzeiro Seixas, de certo modo resgatando-a para uma devida ribalta.

O artista brinca com ela neste filme, quando lembra como lembrou ao Presidente da República Portuguesa que o agraciara com uma Ordem de mérito que condecorar um surrealista era em si mesmo um acto surrealista. Ou quando afirma a outro propósito, “Estar fora da sociedade, acho a coisa mais bela que pode acontecer.” Ou ainda, enaltecendo entre todas as honras a maior homenagem que lhe prestaram com o roubo de 470 desenhos da sua autoria à Biblioteca Nacional. Ou simplesmente quando se enfada, mas não muito, com a ideia da rua de Vila Nova de Famalicão que há-de ir inaugurar em cerimónia a preceito. É a segunda com o seu nome, a primeira (uma avenida) fica na Amadora, onde nasceu. É *inesperado*, ouvimo-lo dizer com delicadeza agradecendo a deferência. Corte desafortunado para a expressão *Inesperado = Doce de nêsperas (do Dicionário)*.

Maria João Madeira